RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

A GERAÇÃO ANSIOSA: COMO A INFÂNCIA HIPERCONECTADA ESTÁ CAUSANDO UMA EPIDEMIA DE DOENÇAS MENTAIS

THE ANXIOUS GENERATION: HOW THE HYPERCONNECTED CHILDHOOD IS CAUSING AN EPIDEMIC OF MENTAL ILLNESSES

LA GENERACIÓN ANSIOSA: CÓMO LA INFANCIA HIPERCONECTADA ESTÁ PROVOCANDO UNA EPIDEMIA DE ENFERMEDADES MENTALES

ANDERSON BARROS DA SILVA
Doutorando em Ensino de Ciências e Matemática - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo - Brasil.
Mestre em Ensino de Ciências - UNICSUL . Bacharel em Psicologia, com formação em clínica ampliada – UNICSU. Licenciatura em Pedagogia - UNICID (2018). Universidade Cidade de São Paulo – UNICID.
E-mail: psicologo.andersonbarros@gmail.com.
ORCID: 0000-0001-6020-9429

KELLY CRISTINA COUTINHO
Doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo - Brasil.
Mestre em Ensino de Ciências e Matemática. Universidade Cruzeiro do Sul. São Paulo - Brasil.
E-mail: kellycoutinho@prof.educacao.sp.gov.br

AMANDA CARLA DA SILVA MENDES
Mestre em Educação. Fundação Universitária Ibero Americana. Porto Rico - Espanha.
E-mail: amandacarlapjmp@hotmail.com

SIMONE OLIVEIRA DOS SANTOS
Doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo
Mestrado em Ensino de Ciências
https://orcid.org/0000-0003-1503-6586
E-mail: simonelookads@hotmail.com

EMILLI DE LIMA CAVALCANTE
Mestranda em Geografia (PROFGEO). Universidade Estadual de Roraima – UERR.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

Especialista no Ensino de História e Geografia. Roraima - Brasil.
E-mail: emillicavalcante95@gmail.com

EMILLY VIEIRA COSTA
Mestranda em Saúde Coletiva - Unisinos
Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: emilly48vieira@gmail.com

Resumo

O estudo analisa como a infância hiperconectada vem sendo associada ao crescimento dos problemas de saúde mental entre crianças e adolescentes em contextos marcados pela presença constante das tecnologias digitais. A pesquisa parte da seguinte questão investigativa: de que maneira o uso excessivo de telas, redes sociais e dispositivos digitais influencia o desenvolvimento emocional, social e psicológico das novas gerações? O objetivo central consistiu em compreender os impactos da hiperconectividade infantil sobre a saúde mental, considerando repercussões educacionais, familiares e sociais relacionadas ao aumento da ansiedade, do isolamento emocional e das dificuldades de socialização. O referencial teórico fundamentou-se em estudos voltados à saúde mental infantil, tecnologias digitais, desenvolvimento emocional, educação e inclusão escolar, articulando pesquisas nacionais e internacionais, documentos institucionais e produções acadêmicas relacionadas à infância digital. A abordagem metodológica correspondeu a uma revisão integrativa da literatura, de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, realizada por meio da análise de livros, artigos científicos e documentos oficiais selecionados em bases nacionais e internacionais. Os resultados evidenciaram que o uso excessivo das tecnologias digitais apresenta relação com alterações emocionais, redução das interações presenciais, dificuldades de regulação emocional, privação do sono e ampliação do sofrimento psíquico entre crianças e adolescentes. Os achados também demonstraram que a escola passou a conviver de maneira mais intensa com demandas relacionadas à saúde mental estudantil, exigindo fortalecimento de práticas pedagógicas acolhedoras e mediação humana equilibrada no uso das tecnologias educacionais. Conclui-se que a hiperconectividade infantil representa fenômeno que ultrapassa o campo tecnológico, envolvendo transformações sociais, emocionais e educacionais que interferem diretamente no desenvolvimento humano. O estudo contribui para ampliação das discussões relacionadas à saúde mental infantil, educação e uso consciente das tecnologias digitais, fortalecendo reflexões sobre desenvolvimento emocional em uma sociedade marcada pela conectividade permanente.

Palavras-chave: infância hiperconectada; saúde mental infantil; ansiedade juvenil; tecnologias digitais.

Abstract

The study analyzes how hyperconnected childhood has been associated with the growing increase in mental health problems among children and adolescents in contexts marked by the constant presence of digital technologies. The research is guided by the following investigative question: how does the excessive use of screens, social media, and digital devices influence the emotional, social, and psychological development of new generations? The main objective was to understand the impacts of childhood hyperconnectivity on mental health, considering educational, family, and social repercussions related to the increase in anxiety, emotional isolation, and difficulties in socialization.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

The theoretical framework was based on studies focused on children's mental health, digital technologies, emotional development, education, and school inclusion, articulating national and international research, institutional documents, and academic productions related to digital childhood. The methodological approach consisted of an integrative literature review of a qualitative, descriptive, and exploratory nature, carried out through the analysis of books, scientific articles, and official documents selected from national and international databases. The results showed that excessive use of digital technologies is associated with emotional changes, reduced face-to-face interactions, difficulties in emotional regulation, sleep deprivation, and increased psychological distress among children and adolescents. The findings also demonstrated that schools have increasingly faced demands related to students' mental health, requiring the strengthening of welcoming pedagogical practices and balanced human mediation in the use of educational technologies. It is concluded that childhood hyperconnectivity represents a phenomenon that goes beyond the technological field, involving social, emotional, and educational transformations that directly interfere with human development. The study contributes to broadening discussions related to children's mental health, education, and the conscious use of digital technologies, strengthening reflections on emotional development in a society marked by permanent connectivity.

Keywords: hyperconnected childhood; children's mental health; youth anxiety; digital technologies.

Resumen

El estudio analiza cómo la infancia hiperconectada viene siendo asociada al aumento de los problemas de salud mental entre niños y adolescentes en contextos marcados por la presencia constante de las tecnologías digitales. La investigación parte de la siguiente cuestión: ¿de qué manera el uso excesivo de pantallas, redes sociales y dispositivos digitales influye en el desarrollo emocional, social y psicológico de las nuevas generaciones? El objetivo principal consistió en comprender los impactos de la hiperconectividad infantil sobre la salud mental, considerando repercusiones educativas, familiares y sociales relacionadas con el incremento de la ansiedad, el aislamiento emocional y las dificultades de socialización. El marco teórico se fundamentó en estudios orientados a la salud mental infantil, las tecnologías digitales, el desarrollo emocional, la educación y la inclusión escolar, articulando investigaciones nacionales e internacionales, documentos institucionales y producciones académicas relacionadas con la infancia digital. La metodología correspondió a una revisión integradora de la literatura, de carácter cualitativo, descriptivo y exploratorio, desarrollada mediante el análisis de libros, artículos científicos y documentos oficiales seleccionados en bases de datos nacionales e internacionales. Los resultados evidenciaron que el uso excesivo de las tecnologías digitales presenta relación con alteraciones emocionales, reducción de las interacciones presenciales, dificultades de regulación emocional, privación del sueño y aumento del sufrimiento psíquico entre niños y adolescentes. Los hallazgos también demostraron que la escuela pasó a convivir de manera más intensa con demandas relacionadas con la salud mental estudiantil, exigiendo el fortalecimiento de prácticas pedagógicas acogedoras y una mediación humana equilibrada en el uso de las tecnologías educativas. Se concluye que la hiperconectividad infantil representa un fenómeno que supera el ámbito tecnológico, implicando transformaciones sociales, emocionales y educativas que interfieren directamente en el desarrollo humano. El estudio contribuye a ampliar las discusiones relacionadas con la salud mental infantil, la educación y el uso consciente de las tecnologías digitales, fortaleciendo reflexiones sobre el desarrollo emocional en una sociedad marcada por la conectividad permanente.

Palabras clave: infancia hiperconectada; salud mental infantil; ansiedad juvenil; tecnologías digitales.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

1. Introdução

A presença das tecnologias digitais na infância passou a ocupar espaço permanente na rotina familiar, escolar e social nas últimas décadas. Celulares, redes sociais, plataformas de vídeos, jogos on-line e sistemas inteligentes deixaram de representar apenas instrumentos de entretenimento para assumir funções relacionadas à comunicação, aprendizagem, lazer e construção das relações interpessoais. Esse cenário alterou profundamente as experiências infantis, principalmente porque crianças e adolescentes passaram a crescer em ambientes mediados por telas desde os primeiros anos de vida (Twenge, 2017).

Ao mesmo tempo em que os recursos digitais ampliaram possibilidades de acesso à informação e interação, também intensificaram preocupações relacionadas ao desenvolvimento emocional e psicológico das novas gerações. Relatórios internacionais voltados à saúde infantil têm demonstrado aumento expressivo de sofrimento psíquico entre crianças e adolescentes, envolvendo ansiedade, isolamento social, alterações de sono, irritabilidade, insegurança emocional e dificuldades de regulação afetiva (UNICEF, 2021). Em paralelo, Haidt (2024) argumenta que a infância hiperconectada modificou aspectos essenciais do desenvolvimento humano ao substituir vivências presenciais, brincadeiras coletivas e interações físicas por experiências predominantemente mediadas por dispositivos digitais.

Nesse contexto, a expressão “geração ansiosa” passou a ser utilizada para descrever um conjunto de mudanças comportamentais e emocionais observadas entre jovens que cresceram sob intensa exposição tecnológica. O termo não se refere apenas ao uso frequente da internet, mas à reorganização das relações sociais, da percepção de pertencimento e da construção da identidade em ambientes digitais marcados pela hiperestimulação, pela comparação permanente e pela conectividade contínua (Haidt, 2024). Tal reorganização atinge

ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

especialmente crianças e adolescentes, pois o desenvolvimento emocional nessa fase ainda se encontra em processo de consolidação.

Além das mudanças relacionadas ao comportamento social, o uso excessivo das tecnologias também vem sendo associado à redução do tempo de sono, ao sedentarismo e à diminuição das experiências presenciais. As diretrizes da World Health Organization (2019) ressaltam que o excesso de comportamento sedentário associado às telas pode afetar o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo das crianças, especialmente quando substitui atividades relacionadas ao movimento, ao descanso adequado e às interações humanas presenciais. Dessa maneira, a questão tecnológica não envolve apenas acesso digital, mas também modos de vida e padrões de convivência social.

Outro aspecto relevante envolve o impacto das redes sociais na saúde mental de adolescentes. Kelly *et al.* (2019), ao investigarem jovens do Millennium Cohort Study no Reino Unido, identificaram associação entre uso intensivo de mídias sociais e maior incidência de sintomas depressivos, sofrimento emocional e baixa autoestima. Os autores observam que meninas apresentaram maior vulnerabilidade aos efeitos emocionais ligados às interações digitais, principalmente em situações relacionadas à comparação social, exposição virtual e cyberbullying. Tais evidências demonstram que a conectividade constante produz repercussões que ultrapassam o campo tecnológico e alcançam dimensões emocionais, sociais e educacionais.

No ambiente escolar, os efeitos desse processo também vêm sendo percebidos de maneira crescente. Crianças e adolescentes chegam às instituições educacionais apresentando dificuldades relacionadas à concentração, tolerância à frustração, socialização e autorregulação emocional. Kadri, Campos e Matarezio (2026) ressaltam que o adoecimento emocional não afeta apenas estudantes, mas também profissionais da educação, especialmente diante da intensificação das demandas emocionais e tecnológicas no cotidiano escolar. Assim, saúde mental e

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

educação passaram a constituir temas interdependentes dentro das políticas públicas e das práticas pedagógicas.

Essa preocupação ganhou maior visibilidade no Brasil com a criação da Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares, instituída pela Lei nº 14.819/2024, que reconhece a necessidade de promoção da saúde mental nos espaços educacionais (Brasil, 2024). A legislação evidencia que sofrimento psíquico, violência, ansiedade e exclusão escolar exigem acompanhamento institucional articulado entre educação, saúde e assistência social. Tal direcionamento demonstra que a saúde emocional deixou de ser entendida como questão exclusivamente individual e passou a integrar o debate educacional de maneira mais ampla.

Paralelamente, o avanço das tecnologias educacionais produziu novas formas de aprendizagem e interação pedagógica. Sousa *et al.* (2025) afirmam que os recursos tecnológicos podem contribuir para o ensino quando utilizados como ferramentas de apoio ao processo educativo, sem substituir a mediação humana realizada pelos professores. Na mesma direção, Cardoso *et al.* (2026) destacam que a inserção da inteligência artificial na educação exige preparação ética, pedagógica e formativa, sobretudo porque os processos tecnológicos influenciam diretamente modos de comunicação, aprendizagem e construção das relações escolares.

Entretanto, o debate sobre tecnologia e infância não pode ser reduzido a posições simplificadas que associem os recursos digitais apenas a benefícios ou apenas a prejuízos. Almeida (2025) observa que as desigualdades de acesso, o uso inadequado das plataformas digitais e a ausência de acompanhamento pedagógico podem ampliar vulnerabilidades educacionais e emocionais. Em outra perspectiva, UNESCO (2023) reforça que as tecnologias educacionais precisam ser compreendidas a partir de seus impactos humanos, sociais e pedagógicos,

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

considerando limites éticos, proteção infantil e equilíbrio entre inovação e desenvolvimento saudável.

No campo da saúde mental, experiências adversas durante a infância apresentam relação significativa com a qualidade de vida na juventude e na vida adulta. Cohrdes e Mauz (2020) demonstram que situações prolongadas de sofrimento emocional podem comprometer estabilidade psicológica, autoestima e desenvolvimento social. Embora os autores não investiguem exclusivamente o ambiente digital, os resultados contribuem para compreender como experiências emocionais negativas vividas durante a infância podem produzir efeitos duradouros sobre a saúde mental.

Além das questões emocionais, torna-se necessário considerar os impactos relacionados à inclusão escolar e às diferenças individuais entre os estudantes. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015), bem como as contribuições de Mantoan (2015) e Booth e Ainscow (2011), reforçam que o ambiente escolar deve promover participação, acolhimento e condições adequadas de desenvolvimento para todos os estudantes. Em um cenário marcado pela hiperconectividade, tais princípios tornam-se ainda mais relevantes, principalmente diante das dificuldades emocionais que afetam crianças e adolescentes em diferentes contextos sociais.

A escolha do tema justifica-se pela crescente preocupação relacionada ao aumento dos transtornos emocionais entre crianças e adolescentes em uma sociedade marcada pela conectividade permanente. O avanço tecnológico transformou hábitos cotidianos, formas de convivência e experiências de socialização, exigindo investigações que articulem saúde mental, educação e cultura digital. Além disso, a ampliação do uso de dispositivos eletrônicos por públicos cada vez mais jovens tornou necessário compreender como tais mudanças interferem no desenvolvimento emocional infantil.

ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

Diante desse cenário, o estudo parte da seguinte pergunta investigativa: de que maneira a infância hiperconectada contribui para intensificação dos problemas de saúde mental entre crianças e adolescentes? A pesquisa tem como objetivo compreender como o uso excessivo das tecnologias digitais influencia o desenvolvimento emocional, social e psicológico das novas gerações, considerando repercussões educacionais, familiares e sociais associadas à hiperconectividade infantil.

2. Referencial Teórico

2.1 Infância hiperconectada e reorganização das experiências sociais

A infância passou por mudanças significativas com a expansão dos dispositivos digitais e das redes sociais nas últimas décadas. Crianças e adolescentes passaram a desenvolver parte importante de suas relações sociais em ambientes virtuais, situação que alterou hábitos de convivência, formas de entretenimento e modos de construção da identidade. Twenge (2017) afirma que a geração nascida em meio à presença constante da internet apresenta padrões comportamentais diferentes daqueles observados em gerações anteriores, principalmente em relação à sociabilidade presencial, autonomia emocional e tempo de permanência em ambientes digitais.

Essa reorganização das experiências infantis envolve mudanças relacionadas ao brincar, à comunicação e à percepção de pertencimento social. Haidt (2024) argumenta que o crescimento da infância baseada em telas reduziu interações presenciais fundamentais para o amadurecimento emocional, substituindo atividades coletivas por experiências individualizadas mediadas por aplicativos e plataformas digitais. Segundo o autor, o problema não está apenas na existência das tecnologias, mas na intensidade da exposição e na ausência de equilíbrio entre vida digital e convivência humana direta.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

A presença constante das telas também alterou a forma como crianças e adolescentes interpretam reconhecimento social e validação emocional. Em muitos casos, curtidas, comentários e interações virtuais passaram a funcionar como mecanismos de aprovação social. Esse processo favorece aumento da comparação entre pares e ampliação da dependência emocional relacionada ao ambiente digital. Kelly *et al.* (2019) identificaram que adolescentes submetidos ao uso intenso de redes sociais apresentaram maiores índices de sofrimento emocional, sobretudo em situações associadas à exposição virtual e à percepção negativa da própria imagem.

Além das repercussões emocionais, a hiperconectividade interfere diretamente no desenvolvimento de habilidades sociais presenciais. Haidt (2024) observa que crianças privadas de experiências coletivas físicas tendem a apresentar maiores dificuldades relacionadas à tolerância à frustração, resolução de conflitos e desenvolvimento da autonomia emocional. O autor sustenta que brincadeiras presenciais desempenham papel importante na construção da autoconfiança e da estabilidade emocional durante a infância.

As transformações relacionadas ao ambiente digital também atingem o cotidiano escolar. Sousa *et al.* (2025) ressaltam que as tecnologias educacionais podem contribuir para aprendizagem quando utilizadas como instrumentos de apoio pedagógico, sem substituir vínculos humanos construídos na relação entre professor e estudante. Tal perspectiva demonstra que o problema não se limita à tecnologia em si, mas ao modo como ela reorganiza experiências cognitivas, emocionais e sociais dentro e fora da escola.

Nesse cenário, UNESCO (2023) alerta que a inserção tecnológica nos espaços educacionais precisa considerar impactos relacionados à saúde mental, à proteção infantil e à qualidade das relações pedagógicas. O relatório enfatiza que o uso indiscriminado das tecnologias pode produzir efeitos negativos sobre atenção, concentração e equilíbrio emocional quando não existem estratégias de

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

acompanhamento familiar e institucional. Assim, a infância hiperconectada passou a representar questão educacional, social e sanitária simultaneamente.

2.2 Saúde mental infantil e crescimento do sofrimento psíquico

A saúde mental infantil tornou-se uma das principais preocupações relacionadas ao desenvolvimento humano no século XXI. Organismos internacionais passaram a reconhecer aumento significativo de sintomas relacionados à ansiedade, tristeza persistente, insegurança emocional e dificuldades de socialização entre crianças e adolescentes. O relatório do UNICEF (2021) destaca que milhões de jovens convivem diariamente com sofrimento psicológico associado a fatores familiares, sociais, econômicos e digitais.

Dentro desse contexto, o conceito de saúde mental envolve muito mais do que ausência de transtornos psiquiátricos. Segundo a American Psychiatric Association (2023), equilíbrio emocional relaciona-se à capacidade de lidar com emoções, construir vínculos sociais saudáveis, desenvolver autoestima e enfrentar situações adversas de maneira funcional. Quando esses elementos são afetados de maneira contínua, surgem manifestações relacionadas à ansiedade, irritabilidade, isolamento e sofrimento emocional persistente.

As experiências vividas durante a infância exercem influência direta sobre o desenvolvimento psicológico ao longo da vida. Cohrdes e Mauz (2020) demonstram que vivências adversas na infância apresentam relação significativa com pior qualidade de vida na juventude, especialmente em aspectos emocionais e sociais. Os autores também observaram que estabilidade emocional e autoeficácia podem funcionar como fatores de proteção diante de experiências negativas, reduzindo impactos psicológicos futuros.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

Embora múltiplos fatores contribuam para o adoecimento emocional infantil, diversos estudos têm associado crescimento do sofrimento psíquico ao uso excessivo das tecnologias digitais. Twenge (2017) relaciona o aumento da ansiedade entre adolescentes ao crescimento da dependência de smartphones e redes sociais, principalmente após a substituição gradual das interações presenciais por experiências virtuais. Haidt (2024) amplia esse debate ao afirmar que a infância mediada por telas alterou padrões de desenvolvimento emocional em escala global.

Os efeitos psicológicos da hiperconectividade também envolvem privação do sono, sobrecarga cognitiva e redução do tempo destinado às experiências presenciais. As diretrizes da World Health Organization (2019) ressaltam que crianças submetidas a longos períodos de comportamento sedentário associado às telas apresentam maior vulnerabilidade relacionada ao desenvolvimento físico e emocional. A organização destaca ainda que sono inadequado e baixa atividade física podem comprometer processos cognitivos importantes durante a infância.

No espaço escolar, os impactos emocionais passaram a ser percebidos de maneira crescente por professores e equipes pedagógicas. Kadri, Campos e Matarezio (2026) observam que o aumento das demandas emocionais no ambiente educacional afeta não apenas estudantes, mas também profissionais da educação, especialmente diante da intensificação das pressões psicológicas e tecnológicas. Tal cenário evidencia que saúde mental deixou de representar tema secundário dentro das instituições de ensino.

Em resposta a essa realidade, o Brasil instituiu a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares por meio da Lei nº 14.819/2024. A legislação reconhece a necessidade de ações integradas voltadas à promoção da saúde mental no ambiente escolar, incluindo prevenção do sofrimento emocional e fortalecimento de estratégias de acolhimento psicossocial

ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

(Brasil, 2024). Dessa forma, saúde emocional e educação passaram a ser compreendidas como dimensões interdependentes no desenvolvimento infantil.

2.3 Tecnologias digitais, educação e impactos emocionais no ambiente escolar

O avanço das tecnologias digitais transformou significativamente os processos educativos nas últimas décadas. Plataformas digitais, inteligência artificial, redes sociais e aplicativos passaram a integrar práticas pedagógicas e rotinas escolares de maneira crescente. Entretanto, esse processo também produziu preocupações relacionadas aos impactos emocionais e comportamentais observados entre estudantes submetidos à conectividade contínua.

Almeida (2025) ressalta que as tecnologias educacionais podem ampliar oportunidades de aprendizagem, mas também podem intensificar desigualdades e vulnerabilidades quando utilizadas sem acompanhamento adequado. A autora destaca que estudantes inseridos em ambientes digitais marcados por excesso de estímulos apresentam maiores dificuldades relacionadas à concentração, permanência da atenção e organização emocional. Assim, o espaço escolar passou a enfrentar desafios que ultrapassam a dimensão pedagógica tradicional.

Na mesma direção, Souza, Almeida e Alcino (2025) argumentam que o crescimento acelerado da inteligência artificial e das plataformas digitais alterou a relação dos estudantes com aprendizagem, informação e convivência social. Os autores observam que muitos sistemas educacionais ainda não desenvolveram estratégias suficientemente estruturadas para lidar com impactos emocionais decorrentes da hiperconectividade infantil e juvenil. Tal situação evidencia a necessidade de preparação institucional mais ampla diante das transformações tecnológicas.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

Cardoso *et al.* (2026) reforçam que os processos formativos relacionados às tecnologias precisam considerar aspectos éticos, humanos e pedagógicos. Segundo os autores, a inserção da inteligência artificial na educação exige formação docente capaz de compreender efeitos sociais e emocionais produzidos pela mediação tecnológica. Dessa maneira, o debate educacional não pode restringir-se ao domínio técnico das ferramentas digitais, pois envolve também relações humanas, desenvolvimento emocional e responsabilidade pedagógica.

Outro elemento importante refere-se à substituição progressiva das experiências presenciais por atividades mediadas por telas. Haidt (2024) sustenta que crianças e adolescentes passaram a vivenciar menos momentos de interação física, brincadeiras coletivas e convivência comunitária, fatores importantes para desenvolvimento emocional saudável. Essa reorganização das experiências sociais interfere diretamente na escola, pois estudantes chegam ao ambiente educacional com maiores dificuldades relacionadas à convivência, comunicação e regulação emocional.

Ao mesmo tempo, UNESCO (2023) alerta que a incorporação das tecnologias na educação precisa ocorrer de forma equilibrada, respeitando aspectos humanos e sociais do processo educativo. O relatório destaca que o uso pedagógico das tecnologias deve fortalecer aprendizagem e inclusão, evitando situações que ampliem isolamento social, dependência digital ou sofrimento emocional. Nesse sentido, a mediação docente permanece elemento essencial para construção de experiências educacionais saudáveis.

Sousa *et al.* (2025) reforçam essa compreensão ao afirmarem que a tecnologia deve funcionar como instrumento de apoio à aprendizagem, e não como substituição da presença humana no processo educativo. Tal posicionamento demonstra que o desenvolvimento tecnológico precisa caminhar em equilíbrio com relações pedagógicas acolhedoras, escuta ativa e fortalecimento das interações presenciais dentro da escola.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

2.4 Inclusão, acolhimento escolar e proteção emocional na infância

O crescimento das dificuldades emocionais entre crianças e adolescentes também exige reflexão sobre inclusão e acolhimento no ambiente escolar. O sofrimento psíquico frequentemente interfere na aprendizagem, nas relações interpessoais e na participação escolar, principalmente entre estudantes que já convivem com situações de vulnerabilidade social ou dificuldades relacionadas ao desenvolvimento humano.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva estabelece que a escola deve garantir participação, acessibilidade e aprendizagem para todos os estudantes, respeitando diferenças individuais e promovendo ambientes educacionais acolhedores (Brasil, 2008). Essa compreensão amplia o conceito de inclusão ao reconhecer que desenvolvimento escolar depende não apenas do acesso ao conteúdo, mas também das condições emocionais e sociais oferecidas aos estudantes.

Mantoan (2015) destaca que inclusão escolar envolve construção de espaços educativos capazes de reconhecer singularidades humanas sem promover exclusão ou segregação. Em um contexto marcado pela hiperconectividade e pelo crescimento do sofrimento emocional infantil, essa perspectiva torna-se ainda mais necessária, principalmente porque muitos estudantes enfrentam dificuldades relacionadas à ansiedade, insegurança emocional e isolamento social.

Booth e Ainscow (2011) também defendem que escolas inclusivas devem fortalecer participação, acolhimento e pertencimento coletivo. Os autores compreendem inclusão como processo relacionado à eliminação de barreiras que dificultam participação plena dos estudantes nos espaços educacionais. Assim, o ambiente escolar precisa desenvolver estratégias capazes de promover convivência saudável, apoio emocional e fortalecimento das relações humanas.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

No Brasil, a Lei Brasileira de Inclusão reforça que educação constitui direito fundamental e deve ocorrer em condições que favoreçam desenvolvimento integral da pessoa (Brasil, 2015). Tal compreensão aproxima inclusão escolar das discussões relacionadas à saúde mental infantil, principalmente porque sofrimento emocional pode comprometer participação, aprendizagem e interação social dentro da escola.

Diante desse cenário, torna-se necessário compreender que a infância hiperconectada não produz impactos apenas tecnológicos ou comportamentais. O crescimento da ansiedade, do isolamento e das dificuldades emocionais evidencia mudanças profundas nas formas de convivência, aprendizagem e desenvolvimento humano. Dessa maneira, o enfrentamento desse problema exige articulação entre educação, família, saúde mental e uso equilibrado das tecnologias digitais.

3. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão integrativa da literatura, de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, com o objetivo de compreender como a infância hiperconectada vem sendo associada ao crescimento dos problemas de saúde mental entre crianças e adolescentes. A escolha dessa abordagem ocorreu devido à possibilidade de reunir diferentes produções científicas e institucionais relacionadas ao uso das tecnologias digitais, saúde emocional e impactos educacionais associados à hiperconectividade.

A coleta de dados foi realizada em bases científicas nacionais e internacionais reconhecidas pela relevância acadêmica e abrangência temática, incluindo Scopus, Web of Science, SciELO, Google Scholar e documentos institucionais disponibilizados por organismos oficiais. A seleção dessas fontes buscou garantir acesso a estudos relacionados à saúde mental infantil,

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

tecnologias digitais, educação, comportamento social e desenvolvimento emocional.

Para identificação dos estudos, foram utilizados descritores em português e inglês relacionados ao tema da pesquisa, entre eles: “saúde mental infantil”, “hiperconectividade”, “infância digital”, “redes sociais”, “ansiedade em adolescentes”, “tecnologia e educação”, “uso excessivo de telas” e “desenvolvimento emocional”. As buscas foram organizadas por meio de operadores booleanos, utilizando combinações como “infância digital” AND “saúde mental” AND “redes sociais”, bem como “hyperconnected childhood” AND “mental health” AND “social media”.

Os critérios de inclusão consideraram estudos publicados entre 2017 e 2026, disponíveis na íntegra, relacionados diretamente à temática investigada e publicados em periódicos científicos, livros acadêmicos ou documentos institucionais oficiais. Também foram incluídas pesquisas nacionais e internacionais voltadas aos impactos emocionais das tecnologias digitais na infância e adolescência. Foram excluídos trabalhos duplicados, textos sem relação direta com o problema investigado e materiais sem fundamentação científica consistente.

O processo de seleção ocorreu em etapas sucessivas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão, seguindo organização inspirada no fluxograma PRISMA para revisões científicas. Inicialmente, realizou-se leitura dos títulos e resumos dos estudos localizados nas bases consultadas. Em seguida, os textos selecionados passaram por leitura integral, considerando pertinência temática, coerência metodológica e contribuição para os objetivos da pesquisa.

Após a definição do corpus analítico, os estudos foram organizados em planilhas contendo informações relacionadas aos autores, objetivos, metodologia, principais resultados e contribuições para compreensão da infância

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

hiperconectada e dos impactos emocionais associados ao uso excessivo das tecnologias digitais. A etapa analítica concentrou-se na identificação de aproximações temáticas entre os estudos, permitindo construção interpretativa alinhada ao objetivo central da pesquisa.

A proposta metodológica adotada contribui para compreensão ampliada do problema investigado ao reunir evidências científicas relacionadas às transformações emocionais, sociais e educacionais observadas em crianças e adolescentes inseridos em ambientes digitais altamente conectados. Dessa maneira, a revisão integrativa possibilitou articulação entre saúde mental, educação e tecnologia, favorecendo análise consistente sobre os efeitos da hiperconectividade na infância.

4. Resultados e Discussão

Os estudos selecionados demonstraram que a infância hiperconectada vem sendo associada ao crescimento progressivo de dificuldades emocionais, sociais e comportamentais entre crianças e adolescentes. Entre os principais achados identificados, destacaram-se aumento da ansiedade, alterações do sono, redução das interações presenciais, dependência emocional das redes sociais e ampliação do sofrimento psíquico relacionado à comparação virtual e à hiperexposição digital. Esses resultados apareceram de forma recorrente em diferentes pesquisas nacionais e internacionais analisadas ao longo da revisão.

Twenge (2017) identificou mudanças significativas no comportamento das novas gerações após a popularização dos smartphones e das redes sociais. A autora observou redução das interações presenciais, diminuição da autonomia emocional e crescimento de sentimentos relacionados à solidão e tristeza persistente. Em direção semelhante, Haidt (2024) argumenta que a substituição gradual das brincadeiras físicas por experiências digitais alterou dimensões

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

importantes do desenvolvimento infantil, especialmente aquelas relacionadas à convivência social e à construção da estabilidade emocional.

Os resultados também demonstraram que o ambiente virtual exerce influência direta sobre autoestima, percepção social e construção da identidade juvenil. Kelly *et al.* (2019) verificaram associação entre uso intenso das redes sociais e aumento de sofrimento emocional em adolescentes, principalmente entre meninas expostas a padrões contínuos de comparação social. As autoras destacam que interações digitais excessivas favoreceram aumento da insegurança emocional, do isolamento e da percepção negativa da própria imagem.

A síntese dos principais achados identificados na revisão encontra-se organizada na Tabela 1.

Tabela 1 - Principais achados relacionados à infância hiperconectada e saúde mental

Autor(es)	**Principais achados**	**Relação com a pesquisa**
Twenge (2017)	Crescimento da dependência digital e redução das interações presenciais entre adolescentes	Associação entre hiperconectividade e sofrimento emocional
Kelly *et al.* (2019)	Uso intenso de redes sociais relacionado ao aumento de sintomas emocionais	Impactos das mídias sociais na saúde mental juvenil
Cohrdes e Mauz (2020)	Experiências adversas influenciam qualidade de vida emocional futura	Vulnerabilidade emocional durante a infância
UNICEF (2021)	Ampliação das preocupações globais relacionadas à saúde mental infantil	Reconhecimento internacional do problema

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

Haidt (2024)	Infância mediada por telas altera desenvolvimento social e emocional	Relação entre hiperconectividade e ansiedade
UNESCO (2023)	Necessidade de equilíbrio entre tecnologia e desenvolvimento humano	Impactos educacionais e sociais das tecnologias digitais

Fonte: Elaborada pelos autores.

Outro aspecto recorrente entre os estudos analisados refere-se aos efeitos da hiperconectividade sobre sono, concentração e regulação emocional. As diretrizes da World Health Organization (2019) indicam que o tempo excessivo diante das telas interfere diretamente no desenvolvimento infantil, sobretudo quando substitui atividades relacionadas ao descanso adequado, ao movimento corporal e às interações presenciais. Esse entendimento reforça que os impactos da tecnologia ultrapassam o ambiente virtual e alcançam dimensões biológicas, cognitivas e emocionais.

Além das consequências individuais, os resultados apontaram repercussões importantes dentro do ambiente escolar. Crianças e adolescentes submetidos à conectividade contínua passaram a apresentar dificuldades relacionadas à atenção, convivência social e controle emocional. Kadri, Campos e Matarezio (2026) destacam que o aumento das demandas emocionais também afeta professores e profissionais da educação, ampliando situações de esgotamento psicológico no cotidiano escolar. Assim, saúde mental passou a representar preocupação coletiva dentro das instituições educacionais.

Os achados também evidenciaram que o avanço tecnológico exige novas formas de mediação pedagógica e acompanhamento institucional. Sousa *et al.* (2025) defendem que a tecnologia deve funcionar como instrumento de apoio ao ensino, preservando a centralidade das relações humanas no processo educativo.

ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

Na mesma direção, Cardoso *et al.* (2026) argumentam que a inserção da inteligência artificial na educação demanda preparação ética e pedagógica, principalmente diante das transformações emocionais e sociais produzidas pelas tecnologias digitais.

Em relação ao contexto educacional, os resultados demonstraram que a escola passou a assumir papel importante na promoção da saúde emocional infantil. A Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares reconhece a necessidade de ações voltadas ao acolhimento psicológico, prevenção do sofrimento emocional e fortalecimento das relações interpessoais no espaço educacional (Brasil, 2024). Esse direcionamento evidencia que saúde mental e aprendizagem tornaram-se dimensões inseparáveis no desenvolvimento estudantil.

Os estudos relacionados à inclusão escolar também contribuíram para ampliação da compreensão sobre os impactos emocionais da hiperconectividade. Mantoan (2015) e Booth e Ainscow (2011) defendem que ambientes escolares inclusivos precisam fortalecer participação, pertencimento e acolhimento social. Em um cenário marcado pelo crescimento da ansiedade e do isolamento emocional, tais princípios tornam-se ainda mais relevantes, principalmente para estudantes que enfrentam dificuldades relacionadas à adaptação social e emocional.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva e a Lei Brasileira de Inclusão reforçam que o ambiente escolar deve garantir desenvolvimento integral e participação de todos os estudantes (Brasil, 2008; Brasil, 2015). Os resultados da revisão demonstraram que sofrimento emocional, insegurança social e dependência digital podem comprometer não apenas aprendizagem, mas também relações interpessoais e permanência saudável no ambiente escolar.

ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

Outro elemento importante identificado nos estudos refere-se à desigualdade digital e às diferentes formas de acesso às tecnologias. Almeida (2025) ressalta que o ambiente digital pode ampliar vulnerabilidades sociais e educacionais quando não existem acompanhamento familiar, orientação pedagógica e uso equilibrado das plataformas tecnológicas. Assim, a hiperconectividade não afeta crianças e adolescentes de maneira homogênea, pois condições sociais, emocionais e familiares interferem diretamente na forma como os recursos digitais são utilizados.

Os achados também revelaram aproximações importantes entre os estudos analisados. Haidt (2024), Twenge (2017) e Kelly *et al.* (2019) convergem ao relacionar crescimento do sofrimento emocional juvenil ao uso intenso das tecnologias digitais e das redes sociais. Em contrapartida, UNESCO (2023), Sousa *et al.* (2025) e Cardoso *et al.* (2026) ressaltam que as tecnologias podem contribuir para educação e aprendizagem quando utilizadas com equilíbrio, acompanhamento pedagógico e preservação das relações humanas.

Essa diferença de enfoque demonstra que o debate não se limita à aceitação ou rejeição das tecnologias digitais. Os resultados indicam que o problema central envolve ausência de equilíbrio entre experiências virtuais e desenvolvimento humano saudável. Quando o ambiente digital substitui convivência presencial, descanso adequado, brincadeiras coletivas e vínculos sociais reais, aumentam as possibilidades de sofrimento emocional, ansiedade e dificuldades relacionadas à socialização infantil.

Dessa maneira, os resultados da revisão evidenciam que a infância hiperconectada representa fenômeno complexo, atravessado por dimensões tecnológicas, emocionais, educacionais e sociais. O crescimento das dificuldades relacionadas à saúde mental infantil não pode ser compreendido apenas como consequência individual ou comportamental, mas como expressão de mudanças

ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

profundas nas formas de convivência, comunicação e desenvolvimento humano produzidas pela expansão das tecnologias digitais.

5. Considerações Finais

O estudo possibilitou compreender que a infância hiperconectada vem produzindo impactos significativos sobre o desenvolvimento emocional, social e psicológico de crianças e adolescentes. Os achados identificados ao longo da revisão demonstraram que o uso excessivo das tecnologias digitais, especialmente das redes sociais e dispositivos móveis, apresenta relação com aumento da ansiedade, insegurança emocional, isolamento social, alterações do sono e dificuldades relacionadas à convivência presencial e à regulação emocional.

Os resultados também evidenciaram que o problema não se limita ao avanço tecnológico, mas envolve mudanças profundas nas formas de interação humana, lazer, aprendizagem e construção da identidade infantil. A substituição gradual das experiências presenciais por vivências mediadas por telas alterou aspectos importantes do desenvolvimento humano, principalmente durante a infância e adolescência, fases marcadas pela consolidação emocional, social e comportamental.

No ambiente escolar, a pesquisa demonstrou que a saúde mental passou a ocupar espaço cada vez mais relevante nas práticas pedagógicas e nas políticas educacionais. Crianças e adolescentes inseridos em contextos de hiperconectividade apresentam dificuldades relacionadas à atenção, socialização e estabilidade emocional, exigindo das instituições escolares estratégias mais acolhedoras e integradas ao cuidado psicossocial.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

Os achados também reforçaram que as tecnologias digitais podem contribuir para aprendizagem e comunicação quando utilizadas de forma equilibrada e acompanhadas por mediação humana qualificada. Nesse sentido, professores, famílias e instituições educacionais assumem papel importante na construção de experiências digitais mais saudáveis, capazes de preservar vínculos sociais, convivência presencial e desenvolvimento emocional adequado.

Dessa maneira, o estudo evidencia que a geração ansiosa representa resultado de transformações sociais, tecnológicas e emocionais que atravessam a infância atual. A compreensão desse fenômeno exige articulação entre educação, saúde mental e uso consciente das tecnologias digitais, considerando a necessidade de promover desenvolvimento humano mais equilibrado em uma sociedade marcada pela conectividade permanente.

Referências

ALMEIDA, Alexsandra Tomaz de Sousa. **Tecnologias na educação: desafios no processo de inclusão e desigualdades em contextos digitais de aprendizagem**. Educação & Inovação, v. 1, n. 2, 2025. DOI: https://doi.org/10.64326/educao.v1i2.19. Disponível em: https://educacaotecnologica.com.br/index.php/ojs/article/view/19. Acesso em: 15 maio 2026.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index for inclusion: developing learning and participation in schools**. 3. ed. Bristol: Centre for Studies on Inclusive Education, 2011.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 24 maio 2026.

BRASIL. **Lei nº 14.819, de 16 de janeiro de 2024**. Institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares. Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14819.htm. Acesso em: 24 maio 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf. Acesso em: 24 maio 2026.

CARDOSO, Francisco Nivaldo Monteiro; PEIXOTO, Murilo Alfonso; MIRANDA, Fabiana Oliveira Fernandes; GALDINO, Josiane Guerreiro; NASCIMENTO, José Leônidas Alves do; MACHADO, Eliene Rodrigues. **Processos formativos na educação tecnológica: a inteligência artificial na formação docente e os desafios ético-formativos: interfaces entre educação, trabalho, ciência e tecnologia**. Educação & Inovação, v. 2, n. 3, 2026. DOI: https://doi.org/10.64326/educao.v2i3.295. Disponível em: https://educacaotecnologica.com.br/index.php/ojs/article/view/295. Acesso em: 15 maio 2026.

COHRDES, Caroline; MAUZ, Elvira. **Self-efficacy and emotional stability buffer negative effects of adverse childhood experiences on young adult health-related quality of life**. *Journal of Adolescent Health*, v. 67, n. 1, p. 93–100, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.01.005. Acesso em: 24 maio 2026.

HAIDT, Jonathan. **The anxious generation: how the great rewiring of childhood is causing an epidemic of mental illness**. New York: Penguin Press, 2024.

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

KADRI, Nadia Wagih El; CAMPOS, Maricéu Cunha de; MATAREZIO, Juliana Cristina Lopes. **Saúde mental docente: análise da síndrome de burnout em profissionais da educação**. Educação & Inovação, v. 2, n. 9, 2026. DOI: https://doi.org/10.64326/educao.v2i9.403. Disponível em: https://educacaotecnologica.com.br/index.php/ojs/article/view/403. Acesso em: 15 maio 2026.

KELLY, Yvonne; ZILANAWALA, Amanda; BOOKER, Cara; SACKER, Amanda. **Social media use and adolescent mental health: findings from the UK Millennium Cohort Study**. *EClinicalMedicine*, v. 6, p. 59–68, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2018.12.005. Acesso em: 24 maio 2026.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus Editorial, 2015.

SOUSA, Daivid Tiago Oliveira; QUEIROZ, Clesia Carneiro da Silva Freire; ALMEIDA, Evaristo Fernandes de; MURAKAMI, Rafael Guem; COSTA, Bruno Andrade. **Inteligência artificial é meio, nunca fim: a educação avança quando a tecnologia apoia a aprendizagem e professor permanece como mediador do processo pedagógico**. Educação & Inovação, v. 1, n. 19, 2025. DOI: https://doi.org/10.64326/educao.v1i19.260. Disponível em: https://educacaotecnologica.com.br/index.php/ojs/article/view/260. Acesso em: 15 maio 2026.

SOUZA, Victor Ricardo Afonso de; ALMEIDA, Gabriela Marega Bittencourt; ALCINO, Aerta Mendes de Oliveira. **O que a inteligência artificial está fazendo com nossos alunos (e ninguém está pronto)**. Educação & Inovação, v. 1, n. 2, 2025. DOI: https://doi.org/10.64326/educao.v1i2.21. Disponível em: https://educacaotecnologica.com.br/index.php/ojs/article/view/21. Acesso em: 15 maio 2026.

TWENGE, Jean M. **iGen: why today's super-connected kids are growing up less rebellious, more tolerant, less happy and completely unprepared for**

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 13/03/2026 - **Accepted:** 25/05/2026
Vol: 08.03
DOI: 10.66104/5t08nk74
Pages: 1-26

adulthood and what that means for the rest of us. New York: Atria Books, 2017.

UNESCO. **Global education monitoring report 2023: technology in education: a tool on whose terms?** Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000385723. Acesso em: 24 maio 2026.

UNICEF. **The State of the World's Children 2021: On My Mind: promoting, protecting and caring for children's mental health**. New York: UNICEF, 2021. Disponível em: https://www.unicef.org/media/114636/file/SOWC-2021-full-report-English.pdf. Acesso em: 24 maio 2026.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age**. Geneva: World Health Organization, 2019. Disponível em: https://iris.who.int/server/api/core/bitstreams/60a1cbaa-2bef-4251-9557-e52ce22112b3/content. Acesso em: 24 maio 2026.